



REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA INFÂNCIA

Rose Maria Belim Motter¹

UNIOESTE

Vol. 2 nº 3 jan./jun. 2007

p. 79-87

RESUMO: Com base em estudos que mostram a capacidade biológica do ser humano em aprender línguas e, na teoria de aquisição desenvolvida por Krashen (1982), este trabalho pretende mostrar a necessidade de as escolas se preocuparem com o ensino da língua estrangeira desde as séries iniciais. Nessa discussão serão abordadas as vantagens e as responsabilidades da inserção do idioma estrangeiro para crianças nessa faixa etária. Através deste estudo também se objetiva mostrar que a linguagem é a principal ferramenta de relacionamento humano e que qualquer pessoa pode desenvolver proficiência em línguas estrangeiras, porém umas com mais facilidade e perfeição e, outras, com mais tempo de estudo e com possibilidade de apresentar desvios, principalmente na pronúncia.

PALAVRAS-CHAVE: *séries iniciais, língua estrangeira, ensino, aquisição.*

REFLECTIONS ABOUT FOREIGN LANGUAGE TEACHING IN FIRST GRADES

ABSTRACT: Based on studies which show the human being biological capacity to learn languages and in the Krashen acquisition theory (1982), this paper intends to show the necessity of schools thinking about foreign language teaching since the first years in primary schools. In this discussion it will be showed the advantages and responsibilities in teaching other idiom for children. Through this study we also aim to show that the language is the main tool in the human relationship and argue that anybody can develop proficiency in foreign languages, but ones with flair and perfection and others with more time of study and with the possibility of deviation occurrence, mainly in pronunciation.

KEY-WORDS: *first grades, foreign language, teaching, acquisition*

INTRODUÇÃO

Pesquisas realizadas por neurolingüístas, psicólogos e lingüístas oferecem uma série de possíveis explicações em torno da habilidade da fala. Essas conclusões, como resultados de estudos científicos, ajudam a entender o desempenho cognitivo do ser humano no processo de aquisição tanto da Língua Materna – LM – quanto da Língua Estrangeira – LE, ou segunda língua, L2 – por crianças e adultos.

Seguindo esses estudos, parece não haver mais dúvida de que existe uma idade crítica apontada como limite, a partir da qual o aprendizado de línguas começa a ficar mais difícil e o teto começa a baixar. Tudo indica que este período situa-se em torno dos doze anos de idade; isto é, no início da puberdade, podendo variar muito de pessoa para pessoa e, principalmente, pode variar em função das características do ambiente lingüístico em que o aprendizado ocorre. As limitações com relação à aquisição da LE que começam a se manifestar a partir da puberdade estão fundamentalmente ligadas à pronúncia. A dificuldade em pronunciar sons novos que não constam na LM e até mesmo a dificuldade de distinguir sons semelhantes, existentes em ambas as línguas, faz com que as marcas da Língua Materna na Língua Estrangeira se apresentem com mais facilidade, surgindo, assim, uma fala com sotaque ou até, inclusive, com desvios de pronúncia.

Estudos na área da Neurolingüística afirmam que, quanto mais jovens, maiores as probabilidades de as crianças captarem os sons de outras línguas, tanto na possibilidade de pronunciar corretamente os sons quanto na de distinguir determinados fonemas de uma para outra língua. Segundo Vilanova (apud Tavares, 2002 p.03), quanto mais precocemente uma pessoa for exposta a um idioma, mais facilmente vai adquirir domínio sobre o mesmo. Caso contrário, o cérebro vai deletando as informações e, no futuro, terá dificuldade para imitar determinados sons, perdendo a capacidade de reproduzir da forma como ensinado. Em suma, quanto mais tarde a pessoa é exposta a um segundo idioma, mais difícil se torna a aprendizagem correta da pronúncia e o ritmo da fala pode perder completamente a cadência adequada..

Segundo o autor acima citado, os dois hemisférios cerebrais desempenham diferentes funções. O esquerdo é o lado do raciocínio lógico e analítico; enquanto que o direito é o lado criativo, artístico, sensível à música, responsável pelas emoções e especializado na percepção e construção de modelos e estruturas do conhecimento. O processo de transformação das experiências recebidas em conhecimento está ligado ao hemisfério direito. Seria então, por assim dizer, a porta de entrada das experiências. Sabe-se também que a lateralização do cérebro ocorre a partir da puberdade. Ou seja, no cérebro de uma criança os dois hemisférios estão mais interligados do que no cérebro de um adulto. Esta interligação corresponde ao período de aprendizado máximo. A assimilação da língua ocorreria via hemisfério direito para ser sedimentada no hemisfério esquerdo, como habilidade permanente. Portanto, o desempenho superior das crianças estaria relacionado à maior interação entre os dois hemisférios cerebrais.

Seguindo a direção apontada por esses estudos, este artigo tem essencialmente o intuito de promover reflexões a respeito do ensino da LE na infância. Esta

intenção, aqui posta, resulta de estudos realizados, nesta área, por professores da UNIOESTE, *Campus Cascavel*. Para a condução da pesquisa buscou-se embasamento teórico em estudiosos de diferentes áreas que se preocupam com a aquisição da linguagem tanto pelo adulto quanto pela criança.

A CRIANÇA E A LÍNGUA

O neurologista Eric H. Lenneberg (apud Tavares, 2002, p.03) reforça o que diz Vilanova ao defender que, quanto mais jovem, a pessoa estaria mais aberta à absorção de um idioma. Esta capacidade sofre diminuição com o passar o tempo. Segundo ele, depois desta idade limite a fluência também pode ser conquistada, mas com maior esforço. É inegável que haja aprendizagem mesmo com idade bastante avançada, mas deve-se considerar fatores como objetivos e expectativas na absorção de uma nova língua, bem como o contexto onde o ensino acontece, levando-se em conta os diversos níveis de dificuldades.

De acordo com as pesquisas citadas, até os três ou quatro anos de idade a criança, quando exposta aos fonemas de uma língua ou a qualquer série de sons diferentes, ela os absorverá com mais facilidade que pessoas com idade mais avançada. Para Xavier (apud Tavares, 2002, p.02), até os vinte anos o cérebro humano apresenta alterações detectáveis. Após essa idade, as mudanças ocorrem de forma pouco perceptível. Se este processo não se der nessa fase, por conta da maturação do sistema nervoso, o tipo necessário de conexão perde a flexibilidade para discriminar certos fonemas. Quanto mais tempo a pessoa demorar em ser exposta à LE (L2), maior implicação terá no processo de aprendizagem da língua. Lighbown & Spada (2003, p.03) mostram que a habilidade da criança em aprender mais de uma língua em seus primeiros anos traz progresso no desenvolvimento em ambas as línguas, na Materna e na Estrangeira.

Mesmo ainda muito jovem, antes dos 5 anos, a criança já conhece muito do complicado sistema gramatical da língua. Antes dos dois anos a criança junta sentenças, forma frases usando a sintaxe, fonologia, morfologia, semântica e regras gramaticais.

Segundo Fronkin & Rodman (1998, p.320), ninguém ensina as regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas à criança. Ninguém a orienta dizendo: forme a sentença acrescentando um verbo, um nome, um adjetivo. Naturalmente, ela usa a competência lingüística para construir a gramática da língua que ouve.

Para esses autores, a fim de adquirir o complexo sistema de regras gramaticais (ganhar competência lingüística), as crianças também aprendem a pragmática, o

uso apropriado da língua, o que muitos estudiosos têm chamado de “competência comunicativa”. Essas regras incluem, por exemplo, as saudações, as formas educadas para serem usadas em diferentes situações, tabus, e assim por diante. Segundo eles, a competência lingüística se desenvolve por estágios. Não surge do dia para a noite. Cada estágio fica mais próximo da gramática e da língua falada pelos adultos.

A aquisição da fala e a descoberta do mundo são processos paralelos para a criança. A interação lingüística da qual a criança participa proporciona a maioria dos dados nesse processo de desenvolvimento. Como consequência, as estruturas neurais do cérebro, que correspondem aos conceitos que vão sendo aprendidos, acabam naturalmente e intimamente associadas às estruturas neurais que correspondem às formas da língua.

AS HABILIDADES COGNITIVAS DO ADULTO E DA CRIANÇA

Ao contrário da criança, o adulto encontra dificuldade para pronunciar determinados sons da língua estrangeira, principalmente aqueles que não fazem parte dos fonemas de sua língua materna. Essa dificuldade se dá, sobretudo, pelo fato de o cérebro não ter sido treinado para discriminá-los ainda na infância. Outro aspecto a ser considerado é o aparelho fonador, órgão fisiologicamente preparado para produzir a fala. Este, na vida adulta, já está estabilizado e formatado para a produção dos sons da LM; decorre, daí, que a articulação do som estrangeiro apresentará dificuldade e sua produção será imperfeita. Por isso, o processo de aquisição da LE se torna mais difícil para o adulto, é mais lento, trabalhoso e imperfeito e com maior probabilidade de sotaque.

Outra diferença importante entre o adulto e a criança é quanto às habilidades cognitivas. O adulto já passou por grande parte de seu desenvolvimento. Com esse caminho já percorrido e uma maior bagagem acumulada, o adulto tem a capacidade de lidar com conceitos abstratos e hipotéticos, enquanto que a cognição da criança, ainda em fase de construção, depende fundamentalmente de experiências concretas, de percepção direta. Isto explica porque os adultos têm capacidade superior para compreender a estrutura gramatical da língua estrangeira e de compará-la a sua língua mãe. Explica também a tolerância superior dos adultos quando submetidos a situações artificiais com o propósito de exercitar línguas estrangeiras, bem como a tendência de buscar simples transferências no plano de vocabulários, com ajuda de dicionários. Por isso, é importante respeitar os estágios pelos quais a criança deve passar para atingir a maturidade da proficiência. Ensinar LE para crianças pode se tornar contraproducente se não forem tomados os cuidados necessá-

os, respeitando o seu grau de maturidade. A formalidade da língua ensinada na escola pode provocar níveis de estafa que marcam negativamente o processo de aquisição, resultando em bloqueios que limitam o interesse do aluno.

O adulto é mais tolerante com o ambiente formal e artificial da aprendizagem. Diferentemente, a criança necessita de um ambiente mais próximo do natural para que sua concentração não entre em estresse, que acabe limitando e inibindo seu contato com outras línguas.

Para Fronkin & Rondam (1998, p. 420), o adulto monolíngüe, por já possuir uma matriz fonológica sedimentada, se caracteriza por uma sensibilidade auditiva amortecida, treinada a perceber e produzir apenas os fonemas do sistema de sua língua nativa. A criança, por sua vez, ainda no início de seu desenvolvimento cognitivo, com filtros menos desenvolvidos e hábitos menos enraizados, mantém a habilidade de expandir sua matriz fonológica, podendo adquirir um sistema enriquecido por fonemas de línguas estrangeiras com as quais vier a ter contato.

AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM

Krashen (1982) estabelece uma distinção clara entre *aprendizagem* e *aquisição*. A *aprendizagem* refere-se ao estudo formal - receber e acumular informações e transformá-las em conhecimento por meio de esforço intelectual e de capacidade de raciocínio lógico. Em contrapartida, para ele, *aquisição* é desenvolver habilidades funcionais através de assimilação natural, intuitiva e inconsciente nas situações reais e concretas de ambientes de interação humana. Portanto, no desenvolvimento da proficiência em línguas, o que deve ocorrer é a aquisição. Ele defende a maior importância da aquisição sobre a aprendizagem, referindo-se a adolescentes e adultos. Considerando que a aquisição está mais intimamente ligada aos processos cognitivos do ser humano na infância, deduz-se que a aquisição é ainda mais preponderante no caso do aprendizado de crianças. Portanto, a proficiência lingüística pouco depende do conhecimento armazenado, mas, sim, da habilidade assimilada na prática, construída através de experiências concretas. Novamente, fica com mais clareza explicada a superioridade das crianças no aprendizado de línguas.

Não são apenas fatores de ordem biológica que influenciam no aprendizado de uma língua estrangeira. Fatores de ordem psicológica e afetiva podem causar impacto direto na capacidade de aprendizagem.

O adulto tende a apresentar maiores problemas causados pela ausência de motivo espontâneo, fator preponderante na criança. A resistência à língua do

outro e a falta de conhecimento da cultura estrangeira são fatores que influenciam negativamente no processo de aquisição do novo idioma.

Aquele que, por falta de informação, não se identifica com a outra cultura – e que, às vezes, até a despreza – estará desmotivado para aprender a língua. Já, a criança, por natureza, tem um alto grau de curiosidade pelo desconhecido e forte sintonia com tudo no ambiente que a rodeia.

O adulto tem tendência a se preocupar excessivamente com a forma e, com isto, constrói a idéia de certo e errado. Prefere não correr o risco de cometer deslizes. A falta de autoconfiança, causada por traumas durante a educação recebida em casa ou na escola, se manifesta na radicalização desses conceitos. A pessoa que, além de cultivar uma boa imagem de si própria, goza de autoconfiança é, por natureza, mais experimentadora e descobridora de coisas novas.

O adulto não possui a curiosidade e o desprendimento da criança. Ao se preocupar com sua própria imagem e com a possibilidade de cometer deslizes e erros, peca quanto à expectativa de resultados, o que o impede de usufruir, de maneira natural, do ambiente e da língua que o cerca.

Portanto, ao ministrar aulas de língua estrangeira para crianças, deve-se proporcionar um ambiente tal que a aquisição ocorra de maneira natural. É como brincar com um bebê. Ele passa a prestar atenção aos sons quando começa a balbuciar *ba, ba, da, da...* a partir daí está treinando os fonemas básicos da língua. Assim como o primeiro contato com a LM se dá por meio da mãe, o primeiro contato com a LE, na maioria das vezes, se dá por meio do/a professor/a. Ao que parece ambos têm um poder decisivo para o futuro da língua, que pode resultar numa comunicação apropriada que transmita senso de lógica e causalidade ou deixar tudo no nível obtuso do incompreensível.

Da mesma forma como aprende a primeira língua, a criança tem aptidão para desenvolver outras línguas. Após o aprendizado da escrita e da leitura, a assimilação de um segundo idioma se dá de forma mais facilitada e tranqüila. É claro que quanto mais cedo, melhor. Caso contrário, o aprendiz usará com mais relevo a estrutura da primeira língua, ao invés de raciocinar no segundo idioma e, com isto, irá se utilizar mais longamente da pura e simples tradução, se arrastando por mais tempo até conquistar o desejável estágio da fluência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos na área mostram que as crianças assimilam línguas com mais facilidade que os adultos, porém têm resistência ao aprendizado formal, artificial e dirigido. Mais do que os adultos precisam e se beneficiam do contato humano para

desenvolver suas habilidades lingüísticas. Elas procuram assimilar e fazer uso da língua estrangeira somente em situações de necessidade, desenvolvendo, assim, sua habilidade e construindo seu próprio aprendizado a partir de situações reais de interação em ambientes da língua e da cultura estrangeira. Portanto, a autenticidade do ambiente, principalmente na figura do facilitador – professor – é mais importante do que o caráter das atividades, (lúdicas ou não) e a predisposição de ambos é mais importante do que qualquer planificação didática predeterminada.

Há também que se ter cuidado com o uso do lúdico. Este poderá mascarar um conteúdo formal que prioriza o ensino puramente estrutural da língua. A falta de preparo poderá induzir o professor a crer que, ao desenhar, pintar e escrever a palavra na LE sob o seu trabalho manual, o aluno estará propiciando um ambiente natural, interativo e autêntico. O uso do formalismo pode trazer dificuldades e frustrações futuras ao aprendizado da criança.

Não se pode esquecer de que o ritmo de assimilação da criança é mais rápido. O professor deve estar preparado para tirar vantagens desse período, oferecendo conteúdos apropriados para essa faixa etária.

Ao iniciar a vida escolar, o aluno apresenta grande curiosidade em relação ao idioma estrangeiro. Por isso, acredita-se que a escola deve aproveitar essa disponibilidade e, decididamente, oferecer uma nova língua. Isto significa ganhar tempo, pois estará encurtando a distância para a aquisição, bem como diminuindo a dificuldade do aluno em aprender e a se comunicar num novo idioma.

Porém, a escola, excessivamente formalizada, tem a atenção voltada somente para o ensino da escrita e da leitura, sistema usado no processo de alfabetização na Língua Portuguesa. A chegada da criança neste ambiente para aprender uma LE é confundida com o processo de aprendizagem da leitura e da escrita da LM e, dessa forma, se aplica uma língua estrutural, sem respeitar a ausência de familiaridade com a parte sonora e oral do novo idioma. Por não estar preparada para atender a criança no contexto da aquisição do novo idioma, a escola adota o mesmo método, a mesma abordagem e o mesmo sistema de ensino usado para a alfabetização da criança na Língua Portuguesa. O aprisionamento do professor ao livro didático e a metodologia voltada para o ensino de aspectos puramente estruturais da língua, transforma em tempo perdido o período mais favorável para a aquisição da língua. Daí porque muitos estão sempre começando e pouco avançam. Isto ocorre porque se dá pouca ênfase na oralidade e nenhuma atenção para a sonoridade da LE.

A inclusão da LE nas séries iniciais é fato novo no contexto escolar brasileiro. Por isso, os professores enfrentam grandes dificuldades para lidar com essa realidade. Este não é um desafio que se apresenta apenas para as escolas públicas.

As escolas particulares enfrentam o mesmo problema. Não se tem ainda um rumo certo sobre o que e como fazer com a LE nessa fase inicial. É hora de repensar a formação do professor bem como toda a estrutura e logística do ensino de LE para este período da vida das crianças. Com a permanente evolução de todos os meios de comunicação, a criança está muito exposta e suscetível ao recebimento de informações em outros idiomas. Se este volume de informações não for administrado de forma correta pelos pais e pelos professores, poderá resultar em problemas futuros, como bloqueios e até rejeição ao estudo da nova língua. Na verdade, é requisito básico que o professor conheça, em primeiro lugar, o processo de aquisição da LM para, em seguida, entender o processo de aquisição da LE, pois esta se dará sobre a estrutura da primeira.

Como já foi dito, a escola é formal e artificial. Os estudos são unânimes em afirmar que a criança apresenta certa rejeição em relação ao ensino formal, seja no que tange ao ensino da estrutura da língua, seja com relação ao espaço artificial proporcionado pelo ambiente. Sua competência lingüística se forma em estágios e estes devem ser respeitados.

No ambiente familiar ocorre de a criança conviver com mais de um idioma ao mesmo tempo, aprendendo todos com sucesso. Em casa ela se comunica, se manifesta na língua estrangeira quando solicitada e quando for do seu interesse. Isso para a criança faz sentido e tem significado, pois o convívio com outro idioma no ambiente familiar soa como algo natural e não artificial. E, mesmo que os familiares não sejam falantes nativos, basta que apresentem algum nível satisfatório de domínio e fluência para que a criança seja introduzida com sucesso na nova língua.

Por ambientação natural se entende que a interação entre os membros do grupo, bem como o espaço físico, possa criar uma harmonização adequada para que ocorra, de fato, o interesse do aluno. A aquisição do idioma precisa se concretizar com as informações mais autênticas possíveis – sempre o mais próximo da língua nativa. Assim, haverá menos probabilidade de fossilização de “erros” ou “desvios” de pronúncia, que são de difícil eliminação e trazem marcas profundas para a vida do aluno.

Considerando que na tenra idade é o momento ideal para se alcançar proficiência, com mais facilidade, em línguas estrangeiras, compete às escolas de Ensino Fundamental avaliar a realidade que se apresenta, observando o que as pesquisas e os estudos na área têm mostrado e, a partir daí, viabilizar maior formação e informação aos docentes. É preciso, pelo menos parcialmente, deixar de lado as propostas notadamente mercantis das editoras, as quais, em geral, não apresentam oportunidades para a criação de ambientes naturais, mas, ao contrário, formalizam ainda mais o espaço escolar. É bom observar mais atentamente todos os aspectos em que a tecnologia e os meios de comunicação podem contribuir para proporcio-

nar um ambiente favorável e natural na difícil, porém altamente desafiadora e empolgante tarefa de proporcionar um conhecimento básico – pelo menos – para a comunicação numa segunda língua, tanto para alunos de escolas particulares como de escolas públicas.

REFERÊNCIAS:

FRONKIN, V. & RODMAN, R. **An Introduction to Language**: Orlando, Florida: Harcourt Brace & Company. 1998.

GIMBSON, A. C. **A Practical Course of English pronunciation**, London: Edward Arnold Publishers Ltd, 1975.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice I in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LIGHTBOWN, Patsy M. & SPADA, Nina. **How Languages are Learned**, England: Oxford University Press, 2003.

MASSINI-CAGLIARI, **Diante das Letras. A Escrita na Alfabetização**. Campinas: mercado das Letras, 1999.

TAVARES, Ana Maria Ferraz, O Despertar da Linguagem. São Paulo: Caderno da Gazeta Mercantil – p. 01, 02, 03 de 27 e 28 de julho de 2002.

NOTA

¹ Professora do Curso de Letras da UNIOESTE. E-mail: rose@certto.com.br.